

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

IX ANNO

MARÇO A JUNHO DE 1904

N.º 3 A 6

Archeologia de Trás-os-Montes

1. Antas no concelho de Villa Pouca de Aguiar

(Continuação. Vid. o *Arch. Port.*, II, 83)

Da região dolmenica mais importante de Trás-os-Montes pelo numero de antas e natureza dos objectos encontrados na sua exploração (*Arch. Port.*, II, 1), feita pelos nossos amigos P.ºs Brenha e Rodrigues (*Arch. Port.*, I, 36 e 346), coube-me o estudo de uma, a do alto da Caturina. Situada no vertice de um outeiro, que avulta no principio da serra do Alvão, proximo á povoação de Carrazedo, sobranceiro ás antas das Arcas (*Arch. Port.*, I, 346), na planura denominada Chã, vê-se ella a grande distancia com a sua primitiva fôrma arredondada.

Ao meu particular amigo Antonio Lopes Martins, que teve a amabilidade de me acompanhar ao local da anta, devo ás duas photographias que junto a esta nota, as quaes representam, uma (fig. 1.^a) a vista geral do sitio dos dolmens¹ em que se distingue bem o do alto da Caturina (n.º 1) e com os n.ºs 4 e 5 os dolmens figurados nas gravuras do *Arch. Port.*, II, 232 e 233 (cujas photographias foram tiradas na mesma occasião que estas), e a outra (fig. 2.^a), unicamente a do dolmen do alto da Caturina, que vou descrever muito rapidamente.

De fôrma quasi circular, de 10 a 12 metros de diametro, formado por pedregulhos de quartzo e terra, o *tumulus* soffreu na sua parte superior os ataques dos habitantes de Carrazedo para tirarem a tampa ou capa do dolmen, o que levaram a effeito no *tempo dos Franceses*, aproveitando-se d'ella para uma lareira.

Aberta a camara do dolmen, vê-se que tem servido desde essa epoca para abrigos dos pastores durante os rigores do inverno e do verão, mettendo-se dentro d'ella pela abertura do vertice e indo entulhando-a

¹ Cfr. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, I, fig. 71.^a

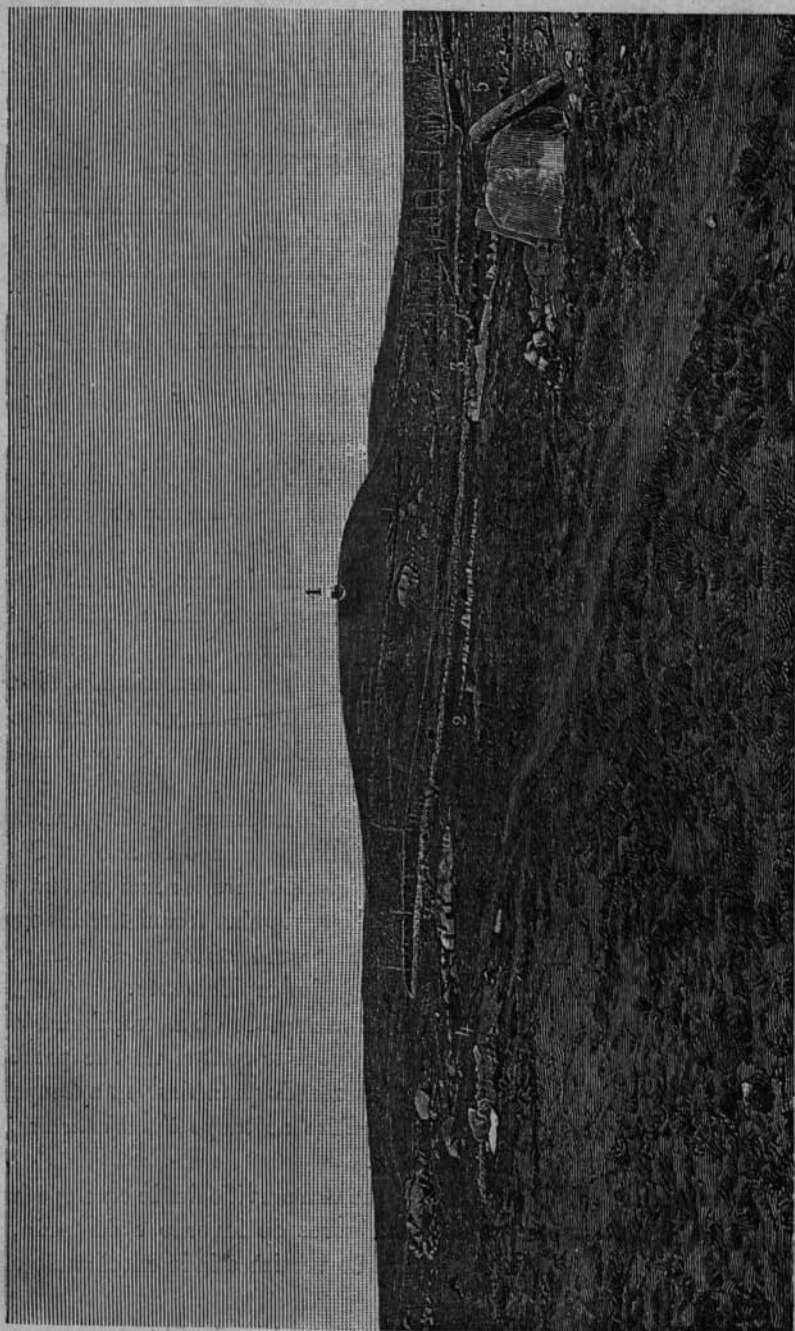


Fig. 19.^a—Visita geral dos dolmens de Carracedo do Alvão (concelho de Villa Pouca de Aguiar)



Fig. 20.^a — Dolmen do Alto da Caturina (concelho de Villa Ponce de Aguiar)

com as pedras e terra que se encontrava aos lados e que em tempo cobriram a mesa.

Desentulhou-se a camara e notou-se que esta é de fôrma polygonal heptaedrica, muito proxima da circular, de 2^m,50 de diametro, formada de sete monolithos de 2^m,20 de altura, 0^m,70 a 0^m,90 de largura, de 0^m,30 de espessura, tendo todos a mesma altura, menos o esteio correspondente á entrada da galeria na crypta, que assentando nas paredes d'aquella, tinha apenas 1^m,80 de alto. Os monolithos são imbricados, inclinados para dentro, e formam um angulo de 60 a 70 graus, sendo o monolitho que se encontra no eixo da galeria e da crypta o ponto commum de apoio dos outros.

Conservava-se intacta a galeria, que, como quasi todas as que tenho visto, está orientada de NO. a SE., e é formada por esteios de 0^m,80 de alto, collocados parallelamente, e cobertos de grossas lousas de granito.

A entrada da galeria na camara não era fechada, mas não se dava o mesmo na saída para periphèria do dolmen, que estava tapada por uma lousa de granito de 0^m,15 de espessura, tão solidamente firmada por algumas outras lousas mettidas verticalmente («de tição» na frase dos pedreiros) ao longo da face externa da porta, que foi preciso trabalharem tres homens quasi meio dia para a tombarem.

Todas as pedras da camara e da galeria são de granito de grão grosso, trazidas com grande custo de alguns kilometros de distancia.

O comprimento da galeria não é superior a tres metros.

A altura de 0^m,80 tornava impossivel a entrada na camara a um homem de pé.

Não houve tempo de explorar a galeria; limitaram-se os trabalhos ao recinto da camara, que estava atulhado de pedras pequenas e de terra, sendo o pavimento formado por pedras de pequenas dimensões unidas umas ás outras, á maneira de calçada portuguesa, e assente em saibro duro.

Foi pequena a colheita de instrumentos de pedra: uma enxó, uma goiva, um cristal de rocha com a fôrma de perfurador, um pequeno triturador ou polidor, e dois fragmentos de uma faca de silex.

Enxó.—É de schisto ardosiano, de 0^m,072 de comprimento, de 0^m,048 de largura na base e 0^m,03 na parte opposta a esta; de gume muito bem polido e formado á custa da face anterior principalmente, desengrossada na extremidade inferior, sem facetas determinadas, levemente convexo, não sendo polidas as duas faces da enxó nem os bordos, que são bastante irregulares, nem o vertice, mas escabrosos e por alisar.

Goiva.—É um instrumento *perfeitamente polido em toda a sua superfície*, roliço, com uma depressão na face correspondente ao gume e uma saliência de fôrma convexa na face opposta, dando a configuração do instrumento a maior semelhança possível com a fôrma do dedo indicador, apresentando na extremidade mais grossa um gume curvilineo com tal perfeição e brilho que á primeira vista se classifica como goiva, e terminando na extremidade mais estreita em ponta romba, um pouco deteriorado num lado da mesma, que se encontra lascado. É amarella carregada a côr da superfície, devido ao terreno em que permaneceu até 1899, em que predomina a argilla amarella, mas depois de levemente raspada em qualquer ponto do corpo a goiva apparece com a côr de chumbo.

Perfurador.—Tem a fôrma de pyramide conica, é de cristal de rocha, de 0^m,07 de comprimento, de 0^m,02 de largura na base e 0^m,002 no vertice que está fracturado.

Triturador ou polidor.—É de fôrma cylindrica pouco regular na secção elliptica 0^m,042 de comprimento, de 0^m,025 de diametro, tendo uma das bases quasi plana e a outra convexa com uma falha muito sensivel. É de granito e não parece ter prestado grandes serviços.

Faca de silex.—No acto de exploração quebraram os trabalhadores uma faca de que appareceram apenas dois fragmentos, faltando o do centro que, por mais que se procurou, não se encontrou. Era uma faca de quatro faces, sendo perfeitamente lisa a que dava para o centro do nucleo de silex de que foi separada, e muito pouco nas faces restantes, estreita (0^m,018 na parte mais larga) e terminando o fragmento mais extenso por um tetraedro de pequenas dimensões, obliquo em relação ao eixo longitudinal da faca com tres arestas muito afiadas. O comprimento de fragmento maior é de 0^m,10, e o do menor 0^m,07, denotando este ter sido separado por ambos os topos do resto da faca.

Durante a exploração caiu para dentro da camara o monolitho o que servia, como disse acima, de ponto commum de apoio aos restantes: e lá se deixou ficar, por não ser facil a sua remoção.

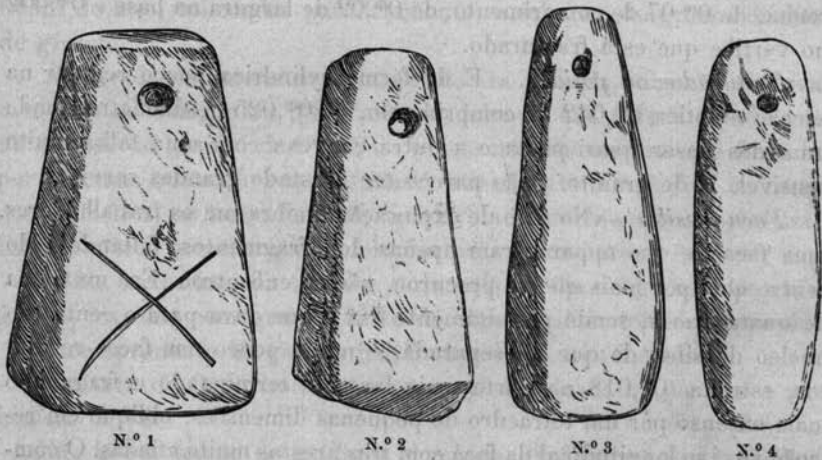
Depois dos trabalhos que fiz executar, diz-me o Rev.^{do} P.^o Rodrigues Rafael que fôra ao dolmen e que encontrara alguns objectos, os quaes não offereciam circumstancia digna de menção.

2. Pesos de barro romanos

Bujões, freguesia de Abbaças, é até o presente a povoação do concelho de Villa Real que tem dado á archeologia maior numero de objectos. Além de sete machados de bronze, uma chave de cobre e um capacete de bronze, que se perdeu, tem no seu termo um capitel de co-

lumna, os restos de um forno circular de grande diametro, com duas columnas cylindricas no meio, formadas de tijolos e argilla vermelha, e sepulturas abertas na pedra, dentro de uma das quaes dizem os habitantes de Bujões que foi encontrada uma corrente de ouro, vendida no Porto a um ourives, já ha bastantes annos. Ahi foram tambem encontrados por uns cavadores numa vinha quatro pesos de barro, todos desiguaes, e de argilla vermelha muito bem cozida, sem letras de especie alguma, e só alguns com traços.

N.º 1—É de fórma de pyramide de base rectangular, de 0^m,098 de comprimento, de 0^m,052 de largura nos lados mais extensos, e 0^m,043 nos mais curtos, truncada, tendo no vertice 0^m,032 nas faces mais extensas do rectangulo, e 0^m,03 nas menos extensas.



Pesa 330 grammas e tem numa das faces mais largas duas linhas obliquas cruzadas no meio.

N.º 2—Tem configuração semelhante, e pesa 215 grammas.

N.º 3—É da mesma configuração, mas tem os angulos abatidos, o que torna o exemplar arredondado. Pesa 260 grammas e tem duas linhas obliquas cruzadas no meio, no vertice do peso.

N.º 4—De fórma prismatica, secção elliptica. Pesa 150 grammas.

Todos estes objectos os offereci ao Museu Ethnologico Português, onde hoje estão.

3. Diversas noticias archeologicas de Villa Pouca de Aguiar

Neste concelho, tão rico de antiguidades dolmenicas, não faltam tambem restos da civilização romana.

1. Na freguesia de Villa Pouca, perto da casa em que vive a minha familia, numa propriedade denominada Geia, ha alguns annos que fragmentos de tijolos vermelhos, grossos, com forte rebordo muitos d'elles e a pedra movel dos moinhos de mão romana se encontravam em grande quantidade, num souto contiguo á propriedade cultivada de milho grosso, feijão e batatas.

O caseiro d'esta propriedade, Manoel dos Sousas, já fallecido, um dos maiores credulos que tenho conhecido, em thesouros encantados, levantou com o arado no terço superior do terreno (ao poente) grandes porções de limalha de ferro. Despertada a curiosidade por esta limalha, tratou de procurar o *thesouro*, escavando, e chegou a descobrir tres ou quatro pequenas casas (as paredes) quadradas, de 2 a 2^m,5 de lado, formadas por pedras de granito de grão grosso, de alvenaria, unidas umas ás outras, sem sinal de communicação, nas fiadas descobertas.

Estiveram expostas durante algum tempo, e attrahiram a attenção de muita gente.

Desenganado o homem de que não era ali que estava a realização dos seus sonhos, cobriu-as outra vez, e fez a sua sementeira de milho, como nos outros annos, e lá ficou tudo como d'antes.

Seriam construcções romanas ou restos de uma povoação chamada Condado, a que se refere o foral, dado ao concelho de Villa Pouca, ou Aguiar da Pena, por D. Afonso III e reformado por D. Manoel? O foral, em bom pergaminho, existe na secretaria da camara de Villa Pouca de Aguiar em optimo estado, assim como o de Alfarello de Jalles (concelho extincto).

Da povoação do *Condado* resta apenas a casa onde eu nasci, desaparecendo aquella, assim como outras, Calvos Penousal, etc.

2. Alem de varios castellos, como o de Aguiar, que ainda se mostra soberbamente sobre o seu collossal penedo, com uma bella sala abobadada, parte de outras dependencias, com uma seteira completa e outra arruinada já, trincheiras, e grande montão de pedras, que os lavradores da povoação (Castello) deitaram abaixo, para a feitura de paredes e de casas, parando na sua obra de destruição, depois que não precisaram de mais pedra, e a camara prohibiu tal vandalismo: ha restos do Castello de Cidadelha, Rebordechão, Soutello de Matos, Cidadelha de Jalles, etc.

O Castello de Cidadelha de Jalles, que não pude ainda examinar de perto, é muito digno de attenção. Possuo d'elle uma descripção feita pelo proprietario e meu bom amigo, Hermenegildo dos Reis Teixeira, que me deu duas lapides romanas, e muitas informações acêrca de antiguidades na freguesia das Tres-Minas (S. Miguel de).

Conjuntamente com o estudo do Castello, devem merecer a attenção dos profissionaes umas grandes vallas que se estendem desde o sopé do Monte da Presa, por baixo do Campo, até o Castello ou perto d'elle. Nas *Memorias do Arcebispado de Braga*, de Contador de Argote, vem mencionadas, mas por pessoa de *boa vontade* apenas.

3. Na freguesia de Tres-Minas, onde ha muito que estudar, não esquecendo a igreja da freguesia, que é composta de uma parte antiga, de architectura gotica e outra moderna; em duas pedras *esmilhadas*, segundo me diz o meu informador, situadas entre a porta da sacristia e a porta travessa, ha duas inscripções, numa das quaes elle apenas

pôde tirar as letras IIIIX e na outra $\text{ER} \bar{\text{M}}^1$, não estudando o resto por estar a pedra muito gasta pelo tempo.

Da porta principal, da porta travessa e do arco da igreja, tenho desenhos feitos pelo meu bondoso e intelligente informador, dos quaes publico umas copias, por me parecerem dignas de attenção. Entre o arco da igreja (figs. 1.^a a 3.^a) e o altar-mor, do lado direito, está mettida na parede debaixo de um arco um tumulo de pedra de grandeza ordinaria, descaindo as duas faces da tampa d'elle para os lados direito e esquerdo e formando um angulo de 45° aproximadamente. Na face voltada para a capella-mor encontram-se cinco flores de lis na disposição da fig. 4.^a, na outra face para a parede uma espada, segundo a mesma figura. É de granito o tumulo e bem lavrado, assim como os ornatos (cruz e flores). Não tem inscripção nenhuma, nem reza a tradição local da pessoa a quem pertenceria. Esta freguesia tinha muitas propriedades pertencentes á commenda do Marquês de Pombal, e o Contador de Argote refere-se ao commendador D. Gregorio Castello Branco.

Na Veiga dos Valles, povoação d'esta freguesia, encontram-se grande numero de tijolos, de 60 a 70 centimetros quadrados, restos de vasos grandes, de cassarolas (?) (segundo o meu informador) e muitos outros objectos de barro.

Ha tres para quatro annos appareceu ahi grande quantidade de moedas de prata de Augusto, todas do mesmo cunho e novas em folha (n.º 573 do *Catalogo das Moedas do Museu D. Luis*, de Teixeira de Aragão).

Na veiga de Covas, perto dos celebres *lagos* de Covas e Ribeirinha, de que me hei de occupar um dia, é frequente levantar-se com

¹ = era millesima...?

o arado, tijolos, mós de moinhos, broeiras (pedras para britar minerios), em grande numero e ultimamente uma pedra com uma inscripção, da qual darei descripção logo que possa.

Não porei fim a esta noticia, sem fallar de uns niveis formados de terra e pedra nos diferentes montes, outeiros e collinas da freguesia de Tres-Minas, a que chamam os habitantes *levadas*, os quaes, partindo

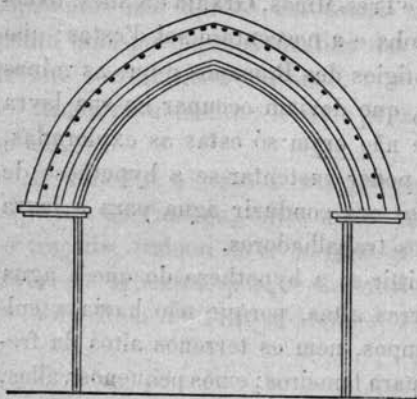


Fig. 1.ª (1/100) — Arco da igreja de Tres-Minas



Fig. 2.ª (1/100) — Porta principal da igreja de Tres-Minas



Fig. 3.ª (1/100) — Porta travessa da igreja de Tres-Minas

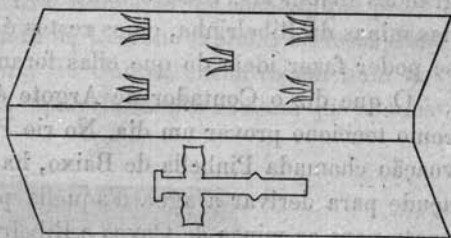


Fig. 4.ª (1/10) — Tapa de um tumulo da igreja de Tres-Minas

do rio Tinhella e dos ribeiros que affluem a este, se dirigem para as minas da Ribeirinha e para as de Revel, e para outros logares.

São muitos, parallellos entre si alguns, estão bem conservados, e serve um d'elles de caminho vicinal, na extensão de alguns kilometros, desde os moinhos de Guilhado até alturas da Filhagosa, tendo para o lado da parte inferior do monte um muro de schisto.

Ao nascer do sol, estes niveis ou *levadas* distinguem-se muito bem na encosta dos diferentes montes, outeiros e collinas, em que se acha

dividida toda a bacia do Pinhella para NE., na extensão de muitos kilometros quadrados.

Alem dos niveis do Tinhella e seus ribeiros, situados na freguesia das Tres-Minas vêem-se outras que desciam do rio de Curros (concelho de Valpaços) para Cevivas e minas da Ribeirinha.

Se, estudando este ponto obscuro, observarmos que os niveis se não limitavam ás minas de Revel e Ribeirinha; que ha indicios de se dirigirem igualmente ás povoações de Tres-Minas, Granja e Valles, todas tres distantes das minas da Ribeirinha e a nascente e sul d'estas; que nos Valles se tem já descoberto vestigios dos Romanos e que as minas da Ribeirinha eram tão grandiosas, que deviam occupar na sua lavra muitos milhares de pessoas; e que não eram só estas as exploradas, mas tambem as de Revel: parece poder sustentar-se a hypothese de que o destino dos niveis ou *levadas* era conduzir agua para a lavra das minas e para abastecimento dos trabalhadores.

Não me parece que possa admitir-se a hypothese do que a agua fosse tambem para a rega das terras altas, porque não havia a cultura do milho ou batata nesses tempos, nem os terrenos altos da freguesia das Tres-Minas são proprios para lameiros; e nos pequenos valles, que fórma a intersecção das collinas e montes, não era precisa agua conduzida de tão longe, porque a ha de sobra.

Fosse qual fosse o fim para que se conduziam as aguas de tão grandes distancias, vê-se o dedo do povo-rei, nesta obra, assim como nas minas da Ribeirinha, cujos restos é preciso verem-se de perto, para se poder fazer ideia do que ellas foram ha seculos.

O que diz o Contador de Argote é muito deficiente e incompleto, como tenciono provar um dia. No rio Pinhella, um pouco acima da povoação chamada Pinhella de Baixo, ha uma parte ainda de um grande açude para derivar a agua d'aquelle para uma das levadas, a qual dá ponto para as minas de Covas e Ribeirinhas (Lagos como lhe chamam) ou para as de Revel. É o que posso informar actualmente.

4. Não desejando alongar de mais esta nota, termino falando numas ruinas prehistoricas ou protohistoricas de que tenho conhecimento por informações do meu respeitabilissimo amigo, Dr. A. de Moraes Sarmiento. Quando elle foi encarregado do estudo da directriz do caminho de ferro pelo Valle do Tamega, no riquissimo tracto do terreno, desaproveitado, e que poderia dar muitos milhões de hectolitros de trigo, e boa laranja, encontrou entre Parada de Monteiros e Monteiros, no sitio denominado Frades, na margem esquerda do rio, os restos de uma povoação de casas circulares em grande numero, arruadas, que estreitavam de baixo para cima de modo que tomavam a fórma conica.

Todas estas casas estavam encerradas por um muro quadrado de 30 a 40 metros, tendo mais, ou pouco mais de um metro de largura, e de pouca altura.

Do lado do rio vê-se uma calçada, assemelhando-se a um caes, que dá acesso para o Tamega, que corre engasgado entre rochas de um e de outro lado.

Pela sua situação a um nível muito baixo em relação aos terrenos adjacentes não parece *um castro* ou ponto fortificado, mas simplesmente uma povoação defendida das feras pelo muro, que nesta região deviam ser muitas e variadas.

Ainda actualmente, lobos e javardos fazem das suas proezas todos os annos.

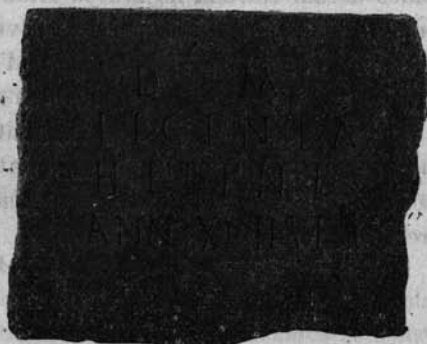
É difficil o acesso a esta povoação, por estar situada na margem esquerda do Tamega, entre matas tão espessas que, para a elaboração do traçado, tinham de ir homens adiante dos engenheiros a cortar as arvores e arbustos, porque de outro modo não se podia romper.

Villa Real de Trás-os-Montes, 18 de março de 1902.

HENRIQUE BOTELHO.

Nova lapide funeraria dos suburbios de Olisipo

Alguns trabalhadores da Camara Municipal de Lisboa, que procediam ao córte do talude da Avenida de Ressano Garcia, no local fronteiro ao edificio do Mercado Geral de Gados, encontraram num dos ultimos dias de Agosto de 1903 a lapide funeraria romana que se mostra na fig. seguinte:



e em que se lê: D(iis) M(anibus) — LICINA — HELENE — ANN(orum)
XL — H(ic) S(ita) E(st).